

O PROBLEMA BRASILEIRO

DE

EDUCAÇÃO E CULTURA

*por Anísio S. Teixeira, Diretor
Geral do Departamento de Educação
do Rio de Janeiro, D. F.*

OFICINA GRÁFICA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
RIO DE JANEIRO, D. F.
1934

5-50-7

Jayme Albin

O PROBLEMA BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

O PROBLEMA BRASILEIRO

DE

EDUCAÇÃO E CULTURA

*por Anísio S. Teixeira, Diretor
Geral do Departamento de Educação
do Rio de Janeiro, D. F.*

OFICINA GRAFICA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
RIO DE JANEIRO, D. F.
1934

A publicação desta "plquette" na Oficina Grafica do Departamento de Educação (Divisão de Predios e Aparelhamentos Escolares) decorre do seguinte officio, dirigido pelo Presidente da Associação Brasileira de Educação ao Diretor Geral do dito Departamento :

"Em nome da Associação Brasileira de Educação, venho agradecer a V. Excia. a oração que, a nosso convite, proferiu na sessão magna de 10.º aniversario daquela instituição, realizada no Teatro Municipal.

Esse discurso, que me permito reputar uma exata critica da situação entre nós, apresentou-se, não só com a autoridade que emana de todos os trabalhos de V. Ex., como com a que decorre de sua situação na alta administração do ensino publico, no Brasil.

Muito estimaria que completasse esse serviço prestado á A. B. E. com a sua publicação, na serie dos impressos do Departamento, como contribuição á reconstrução educacional do país.

Renovando os meus agradecimentos, apresento a V. Excia. a expressão de minha admiração e respeito."

Os grandes problemas humanos, que aliam á complexidade uma vasta e profunda importancia na propria vida dos povos, sempre foram perturbados em suas soluções pela emoção dos que dêles esperam libertar-se com a impaciencia irrefletida de uma ação tumultuaria e cega.

A educação nacional tem-se constituido, no Brasil, a questão por excelencia para as soluções apressadas desse espirito mais *patriotico* do que lucido. O primeiro erro que se origina de tal modo sentimental de encarar o problema é o de tomar as causas pelos efeitos e os efeitos pelas causas.

Quereis exemplos? Aqui está um, e tipico. Desde que se iniciou a civilização democratica e industrial dos nossos tempos, os indices de alfabetização foram-se tornando extraordina-

riamente significativos do estado de progresso de um povo, por isso que a generalização da leitura e escrita se tornou indispensável à generalização de modos especiais de vida e de trabalho. Pois bem. Como não somos muito favorecidos por aqueles índices, facilmente nos convencemos de que o necessário é conquistá-los de qualquer jeito, para nos tornarmos de pronto civilizados. Ora, a verdade é bem outra. Precisamos é daquela civilização, para que os índices, de logo, surjam por si mesmos.

De equívocos dessa natureza é que provêm as atordoantes simplificações infligidas ao problema de educação, no Brasil. Para uns, o problema é de alfabetização; para outros, o problema é de escolas profissionais; para outros, o problema é de preparação das elites; para outros, o problema é de ensino regional; e para outros, ainda, o problema é, até, de ensino religioso.

A tais simplificações se vêm juntar inexactidões vocabulares de uma extravagância, que

apenas confirma a confusão de ideias. Alfabetizar significa educação popular. Ensino profissional significa preparação de operários. Formação de elites significa formação de médicos, bachareis, engenheiros. Ensino regional significa educação rural. E ensino religioso, ao que parece, significa educação de caráter.

A' inversão de fatores já insinuada — tomar os efeitos pelas causas e vice versa — cresce, assim, a compreensão fragmentaria ou parcial do problema e a sua redução a um ou outro aspecto aparentemente predominante. Tudo, para que as soluções rápidas e "salvadoras" possam ser arquitetadas e ensaiadas com o alarido promissor e impaciente dos milagres.

Mas, aí de nós, que os milagres não se realizam...

E temos que voltar à terra para a verificação desconsoladora, talvez, mas exata, de que a educação é um fenómeno de civilização, como a arte, a literatura e a filosofia. Não se fazem tais cousas com receitas. Elas nascem

de condições sociais determinadas e ao homem, mais não é dado, que redirigi-las e aperfeiçoá-las. Nesse sentido, não ha povos deseducados, ha povos com diferentes educações. . . . E mudar-lhes a educação importa sempre em mudar-lhes tambem a civilização.

Na mudança de civilização é necessario, entretanto, reconhecer um sem numero de causas mais ou menos independentes da ação direta e intencional dos homens. Não se muda de civilização como se muda de roupa. Todo um processo profundo e complexo se opera, até que as novas necessidades decorrentes de um novo estado de cousas apareçam, para serem, então, atendidas e desenvolvidas. A obra da escola, isto é, da educação intencional e direta, surge neste momento. Traz um proposito claro e definido. Vai permitir que se perpetuem e consolidem determinados processos sociais ou determinadas capacidades de fazer as cousas, laboriosamente conquistados pela experiencia humana.

A historia documenta essas considerações.

Os países do lado de cá do Atlantico abreviaram, entretanto, o curso da historia. Fomos civilizados por outrem e vestimos, ainda quando não sabiamos usá-los, os trajes de outras civilizações. E desde então, começamos a nossa odisséa: o esforço para termos uma civilização, senão propria, adaptada. Si muito temos feito, talvez, em diversos setores, no de educação pouco temos caminhado. Parece que aí, sobretudo, não tem prevalecido o consenso de que para as nossas condições precisamos de soluções nossas. E para conhecer aquélas necessitamos de estudá-las e para estudá-las, de recursos técnicos, de métodos eficazes e de homens aptos para aplicá-los.

Nada disso. Tal país possui esplendidas escolas de cultura geral, e é civilizado. Imitemos tais escolas. Tal outro possui notavel organização de ensino técnico, e é civilizado. Copiemos esta organização. Naquêle outro não existe um só analfabeto. E' isto civilização.

Liquidemos, de qualquer modo, o analfabetismo, e estaremos também civilizados.

Não direi que estejamos errados. Direi somente que si acertarmos será por sorte.

Porque não é esse o modo de se apresentar o problema.

*
* *
*

Educação é a função natural pela qual a sociedade transmite a sua herança de costumes, hábitos, capacidades e aspirações aos que nela ingressam para a continuarem. A educação escolar é um dos modos por que se exerce tal função. Na escola ela se faz dirigida e intencional. Obedece a planos. Gradua-se. Distribue-se inteligentemente. Entregues a si mesmos, os homens se educariam, mas sem endereços apropriados, tornando-se todos capazes, aproximadamente, das mesmas cousas, e diminuindo, assim, a riqueza de recursos humanos de que precisa a sociedade para se manter e desenvolver adequadamente.

A escola regula a distribuição social. Daí não ser a educação escolar mais do que um esforço para redistribuir os homens pelas diversas ocupações e meios de vida, em que se repartem as atividades humanas.

Assim entendida, toda educação escolar é profissional. Toda educação visa preparar o homem para algum dos grandes tipos de ocupação.

Mesmo a chamada educação geral nada mais é do que a educação indispensável a um sem número de ocupações, que podem ser exercidas com a aquisição tão somente de certas técnicas fundamentais de cultura. A escola primária, pois, é uma escola profissional. Como a escola secundária. E a escola superior. Todas são também técnicas. Porque, de um modo ou de outro, são técnicas que se ensinam nessas escolas. Mais gerais, algumas. Mais especiais, outras. Mas, sempre técnicas, isto é, processos racionais, tão científicos quanto possível, de se fazerem as cousas e de se explicarem os fenômenos.

Vivemos em *marcha* para uma civilização que se apoia e se *apoiará*, cada vez mais, nas aplicações da *ciência*. E como tal, em uma civilização técnica. São técnicos hoje os processos de construir *moveis* ou de curar doentes. E não chego bem a *compreender*, como se insiste ainda em *conservar* a velha divisão entre profissões liberais e profissões técnicas, a não ser que se *considerassem* liberais as de ordem politico-social. Mas *todas*, hoje, mesmo as profissões de ordem politico-social, vão participando de um *decidido* espirito de técnica ou de aplicação científica.

Haverá, porém, mais alguma coisa do que toda essa tecnologia moderna? Ha, sim. E no que ha além de tudo isso, vamos não só *completar* a rápida *análise* da materia, como ainda encontrar esclarecimentos para certas *ambiguidades* dos atuais *sistemas* escolares.

*
*

Considerada a educação nos seus objetivos presentes, ela importa em um plano de redistribuição dos homens pelas ocupações. A sua função é a de prepará-los, pela aquisição de conhecimentos e praticas de natureza técnica, para os diversissimos tipos de trabalho da vida. Nem sempre, entretanto, foram as escolas, assim, laboratorios e oficinas. No passado, eram muito mais casas de saber literario. Preparavam homens de cultura, que se iam dedicar aos trabalhos de especulação e de imaginação, preocupados em formular os sentimentos, as aspirações e os pensamentos de uma época ou de uma civilização. As escolas formavam o quadro intelectual da nação, o quadro dos cultores e divulgadores do saber humano: professores, escritores, poetas e filosofos.

Desapareceu, por acaso, essa função da escola? Não terão, por acaso, guarida na civilização moderna os poetas e os filosofos? Si o grande poder criador da humanidade, o poder que nos dá o sentido e a interpretação

da propria vida, não é cultivado nem estimulado, não virá a secar-se a sua fonte inspiradora e com ela desaparecer a qualidade humana da civilização?

São interrogações, parece-me, em que estão implicitas algumas das fraquezas características da civilização contemporânea e de suas escolas.

O desenvolvimento da ciencia e de suas aplicações á vida humana foi tão rapido e sucedeu a uma cultura de tal modo estatica e não progressiva, que, sem nos apercebermos de que saíamos de um excesso para outro, entregamo-nos em cheio á tarefa de construir uma civilização puramente quantitativa, toda feita de fatos e de mecanismos.

As grandes épocas de cultura imaginativa da humanidade, sucedeu a época das grandes realizações técnicas, baseadas do progresso das ciencias. A inteligencia especulativa, os grandes mestres da poesia, os grandes interpretes da vida, os formuladores de valores para a direção da humanidade foram, sistema-

ticamente, relegados do campo intelectual, onde se inscreveu o distico do nosso tempo: "quem não fôr homem de ciencia não entra".

A educação escolar de todos os povos refletiu, mais ou menos, a fase nova da humanidade. Foram revistos programas e cursos. Tudo entrou na ebulição dos nossos dias. Ainda aí, porém, a escola longe de dirigir o movimento, sofreu-o. Os planos de reconstrução escolar, salvo o de países novos, como os Estados Unidos, que receberam de chofre a nova civilização, e em grande parte a criaram, sem quasi passar pelos estagios anteriores, foram planos de transação, de acôrdo, de arranjos laboriosos entre as novas exigencias do tempo e as tradições arraigadas de seculos.

A transformação escolar dos ultimos anos, no mundo, foi um amalgama de duas culturas, de duas civilizações.

Daí, as confusões presentes. Coexistem, nas mesmas escolas, duas finalidades diversas — a de preparação técnica para as ocupações técnicas da vida moderna e a de cultura des-

interessada, contemplativa, para as ocupações intelectuais, para a vida do espirito e da imaginação, a segunda gradualmente se deixando absorver pela primeira, ou então sacrificando-a nos seus objetivos de eficiencia.

Ou as escolas são estritamente modernas, isto é, instituídas depois do periodo de civilização científica e industrial, e obedecem ás condições de preparo economico e técnico, características da nossa éra; ou as escolas são sobrevivencias do espirito cultural já suplantado pela nova ordem de cousas, e subsistem no isolamento de sua devoção ás condições do passado, tentando conciliações inoportaveis com as exigencias do momento e sacrificando, de tal geito, a sua unidade e a sua eficiencia.

A tendencia é, entretanto, para a reorganização completa dessas ultimas, afim de que se conservem as suas finalidades culturais, reconstruídas para servirem ao novo espirito científico da civilização. Dentro da grande variedade de técnicas da vida moderna, ha lugar para a cultura de alguns, que se dediquem á

filosofia, á literatura e ás artes. Apenas, enquanto no passado outra não era a formação universal do homem culto, hoje representa, estritamente, uma das muitas especialidades a que se podem dedicar os homens. De mil maneiras um homem consegue, hoje ser culto. Antigamente, só de dous modos se podia ser educado: ou letrado ou iletrado, isto é, ou homem de letras, ou homem inculto. E letras, não as havia, sinãa os literarias.

Tudo mudou com a cultura economica e científica de nossos dias. A vida já não é governada pelos velhos indices de intelectualidade herdados da idade média, quando apenas se cogitava de preparar os poucos privilegiados que chegavam até a escola para as delicias de consumir e apreciar a vida... literariamente. Hoje, todos têm de produzir. Técnicas economicas e técnicas industriais, sobrepuzeram-se aos encantamentos da vida do espirito.

Passada a sofreguidão da conquista do novo estado de cousas, vai-se chegando, entre-

tanto, ás idealizações que nos darão também o lado imaginativo e poético da nova civilização. Teremos, então, ao lado da técnica, uma nova cultura, diferente, é verdade, da cultura antiga, mas equivalente nos seus resultados e nos seus propositos. Essa nova cultura virá do amadurecimento da ordem de cousas que se vai implantando; será a nova civilização tornada consciente, interpretada, formulada em uma filosofia, uma arte, quiçá em uma nova religião.

As escolas reproduzirão os novos aspectos dessa civilização, definitivamente desenvolvida em suas técnicas e coroada pela cultura em que as mesmas técnicas virão a florir, quando se humanizarem as suas aplicações e se idealizarem os seus resultados.

Tudo se vai, aliás, fazendo sob os nossos próprios olhos, e já se denunciam muitos daquêles outros pontos de vista por que se irá descortinar o panorama da humanidade, tornada, não só eficiente, objetivo precípua da coordenação industrial e científica, mas eficiente e feliz, aspiração ansiosa do nosso século.

A técnica se terá identificado, então, com uma verdadeira cultura e desaparecerá o dissídio atual entre a cultura de hontem e a técnica, ainda muito mecânica, de hoje. As escolas conquistarão uma nova unidade e a educação se enriquecerá com o espírito de uma nova, uma outra civilização, íntegra e harmoniosa, como foram harmoniosas e íntegras as grandes civilizações de outros tempos.

*
*
*

No Brasil, todos esses aspectos de luta entre as duas culturas são apagados ou disfarçados na própria inconsistência orgânica da educação nacional. Pode-se, entretanto, descobri-los, sem grande esforço.

As nossas escolas foram surgindo antes do embate se pronunciar e as fomos construindo, as de grau primário e secundário, nos termos da educação literária predominante na época. Depois, fundaram-se as escolas para as chamadas profissões liberais. De modo que ti-

vemos um sistema escolar paradoxal. O ensino primário e secundário visava a cultura desinteressada, devendo levar, normalmente, às escolas superiores de cultura igualmente desinteressada, que nos preparasse o quadro intelectual de cultores e divulgadores do saber humano: professores, escritores e poetas. Saído dos chamados cursos de humanidades, o adolescente brasileiro não deparava, entretanto, com a cultura que lhe devia continuar os horizontes de homem de espírito, mas com escolas profissionais, que seriam ainda acadêmicas, tão somente porque o desaparecimento substancial, ou a possível ineficiência de métodos para atingir os objetivos profissionais e utilitários a que se destinavam, as deixavam no nível das divagações e das generalidades.

Não chegávamos, assim, a possuir o sistema tradicional de educação, herdado pela idade moderna, e já o século nos batia à porta com as novas imposições técnicas e econômicas da vida contemporânea. Mas a tenuidade de nossa vida mental e da nossa própria civili-

zação não permitia e não permite as comoções características dos outros povos. As crises se reduzem, no Brasil, a controversias. Entramos em controversias, seguidas de remendos aqui e ali, em nossas escolas. O ensino primário, entregue aos Estados, foi-se pouco a pouco libertando do caráter acadêmico e se identificando com a vida e as suas necessidades.

O ensino superior, por vezes, graças a alguns professores de descortino e, sobretudo, a melhores instalações, foi-se definindo para o espírito científico.

A escola secundária entrou a se desfazer. Nem cultura desinteressada, nem cultura científica, nem técnica, nem profissão. Ela é tudo isto e não é nada disto. As fragmentações do problema educacional, considerado, já como simples problema de escolas para operários — escolas profissionais, chamadas —, já como simples problemas de educação primária, já como simples preparação para as chamadas escolas superiores, impediam-nos de vêr o problema no seu conjunto, com as diferentes im-

posições de nossa época e de uma civilização em formação.

Precisamos sair de nossas escolas, com seus problemazinhos de ordem e de moralização, para sentirmos o problema da educação, que é, como vimos, um problema estreitamente ligado ao de nossa civilização. Da eminência de um ponto de vista geral, logo veremos como as escolas, sejam primarias, secundarias ou superiores, se devem articular dentro do mesmo espirito, para uma preparação de técnicos em todos os graus e ramos, destinados a servir a um periodo da idade humana de base profundamente científica e caracterização acentuatadamente técnica.

Desde a escola primaria até a superior se iriam preparando os homens para as ocupações diversas em que se divide a atividade multiforme dos nossos dias. E ao lado da organização escolar, diretamente endereçada ao preparo economico e social dos homens, se deveriam entreabrir caminhos especiaes, que se definiriam desde o periodo secundario, para

os que se destinassem ao ensino e á cultura desinteressada, puramente científica ou literaria. A velha função de preparar o quadro intelectual do país, no sentido restrito de trabalhadores da pena, da cathedra ou do laboratorio, não ficaria esquecida, mas passaria a ser uma pequena parte do sistema escolar integral. Pequena parte em numero, mas não em qualidade, porque desse grupo, hoje como ontem, é que iria partir a inspiração, o desenvolvimento e o progresso, não só da ciencia, como ainda das artes, da poesia e da filosofia.

Desse modo, o sistema escolar atenderia ás necessidades da civilização técnica dos dias correntes e promoveria o desenvolvimento das fontes que a integram, dando-lhes sentido humano, por um lado, e novas sendas, por outro.

Expressão de uma civilização, base para a sua critica e sua constante revalorização — isso é que é a educação. As escolas exercem assim, além de sua função predominante de reajustamento social, a de direcção do progresso humano.

Entre nós, com uma civilização que apenas se esboça, mal conhecida e mal examinada, mas nem por isso menos em mudanças, temos praticado a educação antes como um processo de imitação social, do que com o desejo de resolver os problemas que um tal estado de cousas levanta.

Encarada com objetividade a situação brasileira, o que, acima de tudo, precisaríamos seria integrar o sistema escolar no espirito contemporaneo, transformando o ensino secundario, distribuindo-o pelos diferentes setores em que se subdividem os interesses e as necessidades da época, e corôando-o com uma organização universitaria, que atendesse ás imposições de uma cultura economica e científica, ao tempo em que prepararia tambem os profissionaas de ciencias e de letras, professores, homens de pesquisa e de criação.

Resolvamo-nos a sentir esses problemas, com inteligencia e sinceridade. Percamos o amor ás soluções que respeitamos porque são antigas, e ganhemos a coragem de tentar as

novas realizações, com o sentido dos passos e estagios por que as mesmas se processam. E não será impossivel encaminhar soluções acertadas, embora, ou novissimas.

A educação primaria já se acha em marcha para uma relativa eficiencia. Continuemos a melhorá-la qualitativamente, a dar-lhe melhores professores e melhores instalações. Tenhamos, talvez, um pouco menos de pressa em relação á chamada educação rural, que é, acima de tudo, um problema de progresso e riqueza, e voltemo-nos para as demais organizações escolares de que dependem os quadros técnicos, médios e superiores, da civilização brasileira. Antes mesma da reorganização das escolas secundarias, tentemos a instalação das faculdades de educação, de letras e de ciencias, a revisão generalizada do preparo do magisterio primario, a instalação de cursos para o preparo profissionaf dos professores secundarios, e teremos dado um passo definitivo para a satisfação de algumas das mais tremendas necessidades educacionais do Brasil.

Façamos tudo isso com espírito de realidade, sem mística milagreira, com o desejo de atingir os fins pelos seus meios lógicos e naturais.

* * *

Não serão leis, mas realizações, o de que precisamos. Para que as poucas, mas complexas sugestões, esboçadas nesta ligeira análise do problema cheguem a se efetivar, precisamos não só da reorganização de elementos já existentes, no Brasil, como de trazer elementos novos. Escolas são organizações intelectuais e sociais, que se não podem construir sem as unidades fundamentais para a sua composição. Si o sistema escolar brasileiro vai ser reconstruído, si para essa reconstrução precisamos, acima e mais do que tudo, de professores, de novos professores, tenhamos o bom senso de vêr que eles não podem estar por aí, milagrosamente caídos do céu, e esquecidos ou ignorados só pelo nossa falta de organização.

Eles não existem, porque ciência e cultura não são fenomenos de geração espontanea, mas frutos de lenta e laboriosa formação, originados por condições previamente existentes.

Os primeiros passos de uma nova politica educacional brasileira, primeiros e indispensaveis, são os de buscar, fóra do Brasil, elementos para a renovação de nossa cultura e de nosas técnicas. Remessa de estudantes de merito para o estrangeiro e contrato de professores estrangeiros para novas escolas e novas faculdades. Não ha saír daí.

O problema brasileiro é o de readaptar a civilização ocidental ao nosso meio e ás nossas condições. Essa civilização é uma civilização de ciencia e de técnica. Precisamos desses instrumentos. Seria muito longo inventá-los ou reinventá-los por nós mesmos.

Nem julgemos que isso seja uma inferioridade. E' muito mais do que isso: é uma necessidade, e não somente nossa, mas de todos os países.

*
* *
*

Si me fosse permitido repetir-me, ainda uma vez eu diria hoje o que disse logo após a revolução de 1930.

Nenhum país, hoje, pode pensar em enclausurar-se nos limites dos seus recursos educacionais, sem correr o perigo de se desfalcar nas suas reservas científicas.

Todos êles, ao lado dos sistemas nacionais de educação, por mais completos que sejam, mantêm estudantes seus no estrangeiro, não só afim de prepará-los para a compreensão das aspirações e pensamentos diversos dos povos, mas também, e sobretudo, para habilitá-los a conhecer os processos e os métodos por que os vizinhos aperfeiçoam os instrumentos da ciência.

Não ha, no imenso intercambio de professores e estudantes que hoje se faz entre as nações, só o desejo de aproximação, conhecimento e estima reciproca.

Ha, muito, o desejo e a necessidade de se enriquecer cada país com os recursos científicos dos demais. E não se trata de uma necessidade passageira, mas de uma contingencia permanente do aparelhamento intelectual de cada um.

Si se tratasse, tão somente, de buscar no estrangeiro os recursos normais do preparo científico, uma vez obtida a transferencia para o meio nacional desses recursos, — pelo preparo de técnicos nacionais e pela montagem de escolas nacionais, — estaria fechado o ciclo e com êle o intercambio intelectual.

Não é, porém, isso que se dá. A ciencia e o pensamento humano estão em permanente atividade e a ninguem é dado saber onde vai surgir o ultimo invento ou onde vai aparecer o ultimo professor de genio.

E de um e outro precisam todos os povos. O Japão mantem, hoje, tantos estudantes no estrangeiro quantos mantinha ha sessenta annos passados, senão mias.

Dia a dia crescem nos Estados Unidos os estudantes que vão procurar, fóra da America, o preparo técnico e a inspiração intellectual.

E, na America, o numero de estudantes de outros países não se conta por milhares, mas por dezenas de milhares.

Se assim é, em relação a países cujos sistemas de ensino são os mais desenvolvidos e completos, não havendo ramo de estudos superiores, nem rigores de especialização que não estejam atendidos, — que dizer de um país, como o nosso, onde não existe sequer ainda a Universidade, na sua feição classica e universal, isto é, de centro de investigação científica?

Enquanto os demais países preparam o quadro dos seus trabalhadores intellectuais com o apuro, o esforço e a ambição que todos sabemos, nós nos detivemos quasi na organização que nos deixou D. João VI, fazendo das escolas superiores instituições emissoras de diplomas honoríficos para ingresso numa das classes privilegiadas do país.

Em face da organização rudimentar do nosso aparelho de cultura, quasi que é redundante apresentar qualquer justificativa, com desperdício de argumento e, portanto, mal-estar de intelligencia, para fundamentar a politica educacional de enviar ao estrangeiro, para matricula nas escolas técnicas e superiores que não possuímos, estudantes brasileiros.

Mas, não ha outro meio de preparar o técnico brasileiro. Não ha outro meio de dar ao país os recursos de especialização para que venha, um dia, a ser independente, de verdade. Se o nosso commercio especializado é estrangeiro, se o nosso mercado é dominado, mesmo aqui dentro, pelo estrangeiro, se algumas das nossas melhores organizações são estrangeiras, — é que não temos ainda os homens nacionais com que se possam substituir os elementos alienigenas, que ocupam os logares deixados vagos pela nossa ignorancia.

Se o que se tem no Brasil de organização nacional é, quasi sempre, inefficiente, atra-

zado e rotineiro, a começar pela nossa administração pública e pelos serviços públicos, cujas falhas, paradoxos e contradições chegam a nos parecer que estão acima dos limites humanos da falta de senso, — é que nos falecem de todo em todo elementos para a formação dos técnicos indispensáveis a esse trabalho.

Não ha como sair do impasse em que nos matemos, sem lançar mão dos recursos estrangeiros para a formação dos nossos especialistas, nossos técnicos e nossos professores.

Ficamos aqui, entocados dentro de nós mesmos, á espera de que se crie entre nós, "por evolução própria", toda a ciência, com as suas técnicas e os seus processos; ou de que ela nos venha, registrada pelo correio, nos livros que compramos, ou que os poucos de nós, suficientemente afortunados para viajar ao estrangeiro, não-la possam trazer, em pequeninas prestações, — é prolongar o espantoso faquirismo em que temos modorrado e levá-lo, afinal, até a fronteira da negligencia criminosa.

Se fosse completo o nosso sistema cultural, nem por isso nos poderíamos dispensar das contribuições das escolas estrangeiras.

Aí deveríamos, sempre, possuir algumas dezenas de professores e estudantes, como patrulhas avançadas da nossa curiosidade científica e do nosso empenho em progredir.

No estado, porém, em que nos achamos, o problema perde esse aspecto de simples utilidade pelo contacto mais íntimo com os diferentes centros de cultura do mundo, para se tornar uma necessidade imperiosa e uma imposição absoluta de nossa falta de escolas especializadas, bem como da nossa impossibilidade de creá-las com os só elementos já existentes.

Em educação, em ciencias sociais e em qualquer aspecto de cultura desinteressada, literária e científica, ou mandaremos preparar no estrangeiro os nossos futuros técnicos, ou teremos que esperar que se processe, no Brasil, de si e por si mesma, a evolução científica que se processou no mundo no longo periodo de

quatro seculos — para que os venhamos preparar por nós mesmos.

*
* *

Esses mesmos argumentos, eu os formulava ha tres anos, na séde da Associação Brasileira de Educação.

Na sessão comemorativa do seu decimo aniversario, apraz-me vir repeti-los, com dobrado empenho e dobrada emoção, certo de que estou, de algum modo, participando do espirito de coerencia e de realidade que animou a vida desta benemerita associação, durante o longo decenio de suas lutas, ora celebrado, combatendo o charlatanismo das soluções facéis e salvadoras e lembrando alguns passos custosos e difíceis, não para nos salvarmos, mas para achar um caminho de progresso.